fb.me/AssociacaoAIDA
linkedin.com/in/aida-associação-695a25100

T. +351 234 302 490 · WWW.AIDA.PT

PALOP NEWS

129

2020

JUN. a SET.

AIDA
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO DISTRITO DE AVEIRO

PME QUALIFY
WWW.AIDA.PT

SUPLEMENTO ECONOMIA: PREVISÕES RESULTANTES DO IMPACTO DO COVID-19 NOS PALOP

COVID-19 MUNDIALMENTE

Depois de surgir em Dezembro de 2019 em Wuhan, uma cidade da China, o surto de Covid-19 espalhou-se por mais de 196 países e territórios.

Este surto levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma situação de pandemia. Actualmente, o novo corona vírus infectou mais de 17 milhões de pessoas e provocado a morte de, pelo menos, 668 mil pessoas. Vários países adoptaram medidas excecionais, incluindo o regime de quarentena e o encerramento de fronteiras. A pandemia da Covid-19 mudou a rotina das pessoas e gerou uma crise económica sem precedentes em um curto espaço de tempo. As economias a nível mundial já começaram a sofrer consequências dramáticas. Os impactos de longo prazo vão depender de quão rapidamente o novo coronavírus vai ser vencido.

IMPACTO DO COVID-19 NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA **(PALOP)**

Os PALOP têm um grande potencial para ter um elevado número de casos de Covid-19. Estatisticamente, estes países são das regiões menos afetadas em termos do número de casos confirmados e de mortes.

O baixo número de contágios – quando comparado com outros países - poderá estar relacionado com outros factores. Acredita-se que um dos principais factores é a idade, uma vez que a idade média destes países é mais baixa do que em outros países, o que constitui uma vantagem, uma vez que os jovens são menos afetados pela Covid-19 do que os mais velhos. As baixas taxas de contágio verificadas podem também estar relacionadas com o reduzido número de testes realizados – não só porque os jovens são mais frequentemente assintomáticos, mas também pela debilidade dos sistemas de saúde.

A analista de assuntos económicos com o pelouro de África na ONU, Helena Afonso, vincou que a pandemia nos PALOP é preocupante e lembrou a situação frágil pré-existente. Mesmo antes da crise da Covid-19, o crescimento económico era lento, assim como os restantes países africanos. Lamentavelmente, mesmo antes de se depararem com uma crise geral de saúde, a maior parte dos países africanos já entrava em crise económica e muitos destes países ainda se encontravam na fase de recuperação da crise de 2014 e estavam numa situação difícil ao entrar na pandemia. Actualmente, é possível prever consequências económicas graves e complexas para os países africanos de língua oficial portuguesa. Helena Afonso, analista das Nações Unidas, acredita que será um teste muito grande à resiliência dos PALOP. Helena Afonso antecipa a recessão económica nos PALOP, com excepção de Moçambique, que deverá ver um crescimento reduzido. Helena Afonso acredita que os PALOP verão alguma recuperação em 2021 e que mais ajuda externa será necessária. Helena Afonso, salientou, que a ajuda externa vai ser muito importante para a recuperação económica dos PALOP. Evidenciou que será crucial a solidariedade não só entre países africanos como também vinda do resto do mundo. No entanto, alguns países restringiram as exportações de alimentos e material médico, que são importantes para o combate ao vírus.

Actualmente, os PALOP estão à procura da resposta certa para a crise. Começaram a diminuir as restrições para aliviar a pressão sobre a economia por estarem preocupados com o impacto das restrições na economia.

COMPETE 2020 · PORTUGAL 2020 · UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

ANGOLA

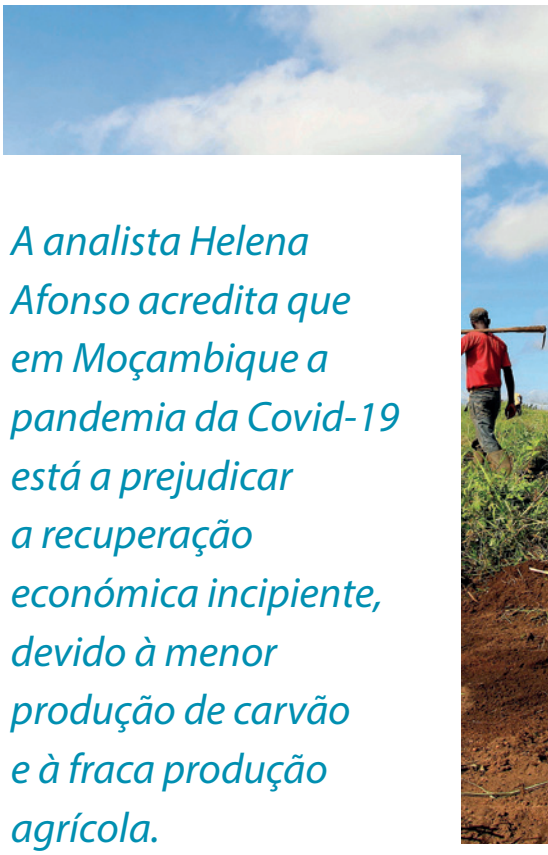
Angola é uma das maiores economias africanas e a maior entre os países de língua portuguesa no continente.

Em entrevista à agência Lusa, no seguimento do lançamento do relatório do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais sobre a economia mundial, Helena Afonso disse que prevê que Angola continue em recessão grave e prolongada, com um crescimento económico negativo em 2020 devido ao colapso do petróleo, menor produção petrolífera e ao impacto da pandemia da Covid-19. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), Angola terá um crescimento negativo de 4% em 2020. Este ponto de vista também é partilhado pelo economista Carlos Lopes, que salienta que Angola tem uma economia dependente do petróleo e cujos preços estão em baixos patamares históricos. Este economista acrescenta que Angola já estava numa situação de grande dependência de recursos públicos em relação à exportação do petróleo, que já estava numa fase recessiva, e que vai fazer face não só à baixa dramática destes preços, como também às consequências do próprio coronavírus na procura interna.

Helena Afonso também antecipa que a actividade económica deverá recuperar gradualmente e "os níveis de dívida são elevados e haverá uma redução acentuada da entrada de divisas externas, o que limita bastante a capacidade do país para conter e mitigar os efeitos da desaceleração económica, que poderá evoluir para um período de desequilíbrio significativo na balança de pagamentos". O FMI o PIB real de Angola deverá regressar aos níveis de crescimento registados antes do Covid-19 só em 2023 ou 2024.

Actualmente, o governo Angolano está a aliviar restrições para aliviar a pressão sobre a economia. As aulas vão retomar, os transportes públicos passam a poder funcionar 24h por dia e a venda ambulante cinco dias por semana. Angola também aderiu à Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI) do G20, o que está a permitir direccionar fundos para combater o impacto da Covid-19.

MOÇAMBIQUE



A analista Helena Afonso acredita que em Moçambique a pandemia da Covid-19 está a prejudicar a recuperação económica incipiente, devido à menor produção de carvão e à fraca produção agrícola.

Segundo o economista Calos Lopes, Moçambique não vai ter um crescimento económico negativo, mas a sua economia vai ser fortemente impactada e os moçambicanos vão sentir este impacto. De acordo com a actualização das Previsões Económicas para a África subsaariana, o FMI comunicou que Moçambique é o único país lusófono africano que deverá manter um crescimento, mas ainda assim a expansão da atividade económica foi revista em baixa, de 2,2% para 1,4% este ano, e de 4,7% para 4,2% em 2021.

Helena Afonso salientou que para a ONU, são necessárias "medidas de alívio orçamental, mas a pouca margem orçamental e os efeitos da crise da dívida de 2016 limitam a capacidade do país".

CABO VERDE

Para o ano de 2020, o Banco Africano de Desenvolvimento antecipava, antes da crise provocada pelo novo coronavírus, um crescimento de 5%, o que estava de acordo com a estimativa do Fundo Monetário Internacional, e de acordo com o intervalo apontado pelo Governo (de 4,8% a 5,8% do PIB).

No entanto, a crise provocada pelo Covid-19 afectou bastante a economia deste país. A economia de Cabo Verde deverá registar um abrandamento do crescimento sobretudo provocado pela quebra acentuada no turismo. O vice-primeiro-ministro e ministro das finanças Olavo Correia salientou que a situação que o mundo atravessa terá um impacto muito grande na economia cabo-verdiana dado que esta economia está profundamente dependente dos mais de 750 mil turistas que recebe anualmente. Segundo Standard & Poor's, agência de notação financeira, Cabo Verde possuía receitas superiores a 25% vindas dos turistas internacionais. De acordo com o relatório da Standard & Poor's sobre o impacto da queda acentuada do turismo nos maiores destinos turísticos mundiais, a quebra no crescimento do PIB de Cabo Verde para 2020 pode ir de 2,73 pontos percentuais do PIB, caso o turismo abrande 11%, até uma queda de 6,71 pontos se o fluxo de turistas cair 27%.

Segundo a analista de assuntos económicos com o pelouro de África nas Nações Unidas, Helena Afonso, a economia de Cabo Verde deverá recuperar para 4,2% em 2021, com a recuperação de algumas indústrias, retoma da agricultura e melhores condições macroeconómicas globais.

Actualmente, o governo de Cabo Verde está a trabalhar na mobilização de parceiros internacionais, nomeadamente o Banco Mundial e o FMI, com o intuito de mitigar o efeito do novo coronavírus na economia e, sobretudo, nas pessoas.

GUINÉ BISSAU

O Fundo Monetário Internacional previa, antes do início da pandemia, um crescimento económico de 4,5% do Produto Interno Bruto para 2020. No entanto, actualmente está previsto uma contracção de -1,9% do PIB para Guiné-Bissau.

Segundo o ministro das Finanças da Guiné-Bissau, João Fadiá, a pandemia afectou fortemente a campanha de comercialização de castanha de caju. João Fadiá, salientou que mais de 80% da população guineense depende directa ou indirectamente da campanha de comercialização da castanha de caju, que representa também uma contribuição de 11% para a receita do Estado e 90% do total das exportações do país (principal produto de exportação do país). Esta realidade está a ter e terá um impacto muito negativo na vida económica e da população da Guiné-Bissau.

Em relação à comercialização da castanha de caju, o ministro explicou que para além das "medidas para suster o novo coronavírus os atrasos a nível do governo e a diminuição da procura internacional, também contribuíram para uma campanha fraca". Ele explicou que o governo da Guiné-Bissau anunciou tardiamente o preço de referência ao produtor, assim como as condições de exportação, o que fez com que o preço praticado junto do produtor fosse mais baixo do que a expectativa criada antes da pandemia. João Fadiá também frisou que a descida da procura externa pela castanha bruta (Índia e Vietname), provocou igualmente uma queda nas exportações e continua a condicionar os operadores nacionais a comprar a castanha disponível junto dos produtores. Com a época das chuvas, o escoamento do produto fica prejudicado, tendo em conta o grau de humidade que se verifica neste período o que contribui para a baixa da qualidade do mesmo.

Para relançar a economia, o governo guineense apresentou recentemente um programa de desenvolvimento com um orçamento de cerca de 263 milhões de euros, que necessita de assistência dos parceiros internacionais. Este governo acredita que este programa é absolutamente necessário para inverter a tendência negativa actual da actividade económica. Este programa pretende levar a cabo um conjunto de reformas na economia, para uma reorientação baseada num tecido empresarial mais forte, capaz de contribuir para aumentar a produtividade e tornar a economia mais forte e competitiva.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe, foi o último país dos PALOP a registar a chegada do novo coronavírus.

Helena Afonso referiu que para este país, a perspectiva aponta para "uma queda de 4,6% em 2020 devido à quebra do turismo, que afecta os sectores dos serviços e da construção e perturba a rede de distribuição de cacau" (principal produto de exportação do país). Helena Afonso informou, ainda, que em 2021 o crescimento deverá ser de 5,1%, devido à retoma na agricultura, nos sectores dos serviços e construção, em linha com a recuperação económica mundial.

Os economistas do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) lembram que o arquipélago está na 192ª posição entre 195 países analisados pelo Índice Global de Segurança Sanitária. Consequentemente, alertam que São Tomé e Príncipe precisa de financiamento para combater a pandemia visto que tem um "sistema de saúde com recursos e capacidade limitados, estando por isso entre os mais mal preparados para lidar com a pandemia".